



SEÇÃO: TEMÁTICA LIVRE

## Pensar a poesia hoje: uma análise da crítica literária de Alberto Pucheu perante as discussões teóricas de *Theory's Empire*

*Thinking about poetry today: an analysis of Alberto Pucheu's literary criticism in the perspective of Theory's Empire theoretical discussions*

*Pensando la poesía hoy: un análisis de la crítica literaria de Alberto Pucheu desde de las discusiones teóricas del Theory's Empire*

**Mariane Pereira Rocha<sup>1</sup>**

[0000-0002-0126-8063](mailto:0000-0002-0126-8063)

[marianep.rocha@gmail.com](mailto:marianep.rocha@gmail.com)

**Aulus Mandagará**

**Martins<sup>2</sup>**

[0000-0002-0590-1890](mailto:0000-0002-0590-1890)

[aulus.mm@gmail.com](mailto:aulus.mm@gmail.com)

**Recebido em:** 30 set. 2021.

**Aprovado em:** 25 maio 2022.

**Publicado em:** 24 ago. 2022.

**Resumo:** O presente artigo busca discutir a situação do pensamento crítico brasileiro sobre poesia no século XXI, a partir de uma reflexão teórica suscitada na antologia *Theory's Empire: An Anthology of Dissent* (2005), organizada pelos autores Daphne Patai e Will Corral. Nela, os organizadores fazem uma série de considerações sobre o cenário literário atual, indicando o predomínio de determinados fazeres, práticas e pensamentos, entre eles, a prevalência de questões políticas e a valorização do conteúdo frente à estrutura ou à linguagem. Para os teóricos, então, haveria certa estagnação dentro do campo dos estudos literários. Assim, iremos contrastar essa visão com a análise de dois textos: "Uma tese sobre a crítica literária brasileira" em que Alberto Pucheu, poeta e crítico, discute sobre o cenário da crítica literária no Brasil e "Do tempo de Drummond ao (nosso) de Leonardo Gandolfi: da poesia, da pós-poesia e do pós-espanto", no qual Pucheu efetivamente exerce o trabalho de crítico de poesia.

**Palavras-chave:** Teoria Literária. Crítica Literária. Alberto Pucheu. Theory's Empire.

**Abstract:** This article seeks to discuss the situation of critical thinking about poetry in the 21st century, based on a theoretical reflection raised in the anthology: *Theory's Empire: An Anthology of Dissent* (2005), organized by the authors Daphne Patai and Will Corral. In it, the organizers make a series of considerations about the current literary scenario, indicating the predominance of certain actions, practices and thoughts, among them, the prevalence of political issues and the valorization of the content before the structure or the language. For them, there would be some stagnation within the field of literary studies. Thus, we will contrast this view with the analysis of two texts: "Uma tese sobre a crítica literária brasileira" in which Alberto Pucheu, poet and critic, discusses the scenario of literary criticism in Brazil and "Do tempo de Drummond ao (nosso) de Leonardo Gandolfi: da poesia, da pós-poesia e do pós-espanto", in which Pucheu effectively works as a poetry critic.

**Keywords:** Literary Theory. Literary Criticism. Alberto Pucheu. Theory's Empire.

**Resumen:** Este artículo busca discutir la situación del pensamiento crítico brasileño sobre la poesía en el siglo XXI, a partir de una reflexión teórica planteada en la antología *Theory's Empire: An Anthology of Dissent* (2005), organizada por los autores Daphne Patai y Will Corral. En él, los organizadores hacen una serie de consideraciones sobre el panorama literario actual, señalando el predominio de determinadas acciones, prácticas y pensamientos, entre ellos, el predominio de cuestiones políticas y la valoración del contenido en relación a la estructura o el lenguaje. Para los teóricos, entonces, habría un cierto estancamiento en el



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

<sup>1</sup> Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), Pedras Brancas, RS, Brasil.

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil.

campo de los estudios literarios. Así, contrastaremos esta mirada con el análisis de dos textos: "Uma tese sobre a crítica literária brasileira" en la que Alberto Pucheu, poeta y crítico, analiza el escenario de la crítica literaria en Brasil y "Do tempo de Drummond ao (nosso) de Leonardo Gandolfi: da poesia, da pós-poesia e do pós-espanto", en el que Pucheu trabaja efectivamente como crítico de poesia.

**Palabras clave:** Teoría Literaria. Crítica Literaria. Alberto Pucheu. Theory's Empire.

## Introdução

Publicada em 2005, a antologia *Theory's Empire: An Anthology of Dissent*, organizada por Daphne Patai e Will Corral, causou polêmica entre aqueles que estudam teoria da literatura. Na introdução da antologia, os organizadores afirmam haver uma estagnação dentro dos estudos literários, causada pela própria maneira como esses estudos se voltaram para a teoria, ou para uma determinada teoria, aqui pontuada pelos autores como "Teoria". Conforme explica Sérgio Bellei (2017), a nomenclatura registrada com "T" maiúsculo é utilizada

para diferenciar os seus praticantes de teóricos anteriores, supostamente menos ambiciosos e marcados por um respeito maior pela literatura. Os representantes da *Teoria*, por outro lado, consideram que a "teoria é mais importante do que a literatura" e "desencorajam o amor pelo texto literário" (BELLEI, 2017, p. 54, grifo nosso).

A Teoria reuniria, então, pensadores que se vinculam a correntes como o pós-colonialismo, pós-estruturalismo e pós-modernismo, bem como aos estudos de gênero e a crítica feminista, a teoria *queer*, entre outros. Entre as críticas apontadas pelos autores da antologia da dissidência, estão o predomínio da Teoria nos livros organizados sobre literatura que raramente dão espaço a visões contrárias a ela, bem como o foco excessivo em questões políticas nas análises literárias que acabam deixando a materialidade do texto em segundo plano. Além disso, baseados em críticos como Hazard Adams e Lentricchia, os organizadores da antologia apontam ainda a tendência dos pesquisadores de encaixar qualquer texto literário em um aporte teórico específico e de se investir mais tempo na discussão da teoria do que os textos literários em si.

O cenário apontado por Patai e Corral (2005),

embora aplicável em diferentes contextos visto a amplitude das discussões feitas pelos autores, ainda é bastante focado na realidade norte-americana e europeia. Exemplo disso, é o texto "Crisis in the humanities? Reconfiguring Literary Study for Twenty-first Century" em que Marjorie Perloff faz uma reflexão acerca das humanidades e da situação do departamento de linguagens no qual atua, em Stanford, na Califórnia. Sabemos que a situação no Brasil, desde a organização do sistema de ensino até os tipos de pesquisas que são produzidos na pós-graduação – lugar em que predominantemente estão as pesquisas nos estudos literários – é significativamente diferente do cenário norte-americano que, por sua vez, é distinto também do cenário europeu. Contudo, conforme explicam os autores, as questões que abordam são generalizadas dentro dos estudos literários. Interessa-nos, desse modo, no presente artigo, discutir de que maneiras os debates apontados por Patai e Corral (2005) estão presentes no contexto brasileiro, mais especificamente, no pensamento crítico em relação à poesia.

Entendemos que no Brasil "teoria" e "crítica literária" são conceitos que frequentemente se intercambiam. Marcos Siscar, em seu livro, *Poesia e crise*, (2010) utiliza-as como sinônimos, mencionando sua preferência pelo termo "teoria":

não é incorreto dizer que aquilo que chamamos de *teoria* (termo que prefiro usar aqui, no lugar da "crítica") se deixa guiar, em um extremo, pela história das pulsões reconhecíveis na escrita de determinado teórico e, num outro extremo, pela afirmação de valores e crenças que a empenham ideologicamente (SISCAR, 2010, p. 198, grifo do autor).

Aliado a isso, dado que embora as reflexões de Patai e Corral (2005) sejam a respeito da teoria, suas implicações parecem dizer muito mais respeito à aplicação dessa teoria, portanto, à atuação da crítica literária. Nesse sentido, o presente trabalho vai se ocupar da crítica literária no Brasil, com o objetivo de refletir sobre a atuação da crítica de poesia, procurando investigar se as tendências homogeneizadoras da Teoria indicadas pelos organizadores do *Theory's Empire* estão presentes no trabalho da crítica brasileira e, se

sim, como isso ocorre. Para tanto, utilizaremos a produção crítica de um nome importante dentro da poesia contemporânea brasileira: Alberto Pucheu (2018, 2014), professor, crítico e poeta. Assim, entendemos ser necessário fazer um percurso pela produção dele: primeiramente, entender o seu pensamento acerca da própria crítica no Brasil, depois olhar efetivamente para seu trabalho crítico, ou seja, ver como ele está lidando com as materialidades poéticas.

### 1 O crítico pensando a crítica

Encontramos a seguinte descrição de Alberto Pucheu em sua biografia, no seu site:

Nascido em 1966, Alberto Pucheu é poeta, ensaísta, professor de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Cientista do Nosso Estado, pela Faperj, e pesquisador do CNPq (DADOS..., [2021]).

Vemos que o autor não se intitula como "crítico literário", são suas funções de ensaísta e de professor de Teoria Literária que são evidenciadas. Sobre sua atuação docente, é significativo ainda apontar que Pucheu transita entre áreas: com graduação e mestrado em Filosofia, foi apenas no doutorado que ele migrou para a área de Letras, em que agora leciona. Além disso, seu trabalho como poeta e curador ganha bastante destaque nessa descrição:

Além de ter mantido o blog "O cuidado da poesia: poemas do e para o nosso tempo" durante meses no site da Revista Cult e de ter preparado um dossiê sobre poesia contemporânea para a mesma revista, Alberto Pucheu também tem publicado poemas e ensaios em diversos livros, periódicos acadêmicos brasileiros e em portais nacionais e internacionais de literatura, bem em vários jornais do país e em sites específicos (DADOS..., [2021]).

Entre seus trabalhos como poeta, merece destaque a antologia *para que poetas em tempos de terrorismos?* (2017), nome este que, por si só, poderia remeter a um trabalho ensaístico de crítica. Já nos seus livros efetivamente críticos, enfatizamos aqui os seguintes: *A poesia contemporânea (ensaios)* (2014) e *Que porra é*

*essa - poesia?* (2018).

Pucheu mantém, assim, uma atuação multifacetada: é professor, escreve poesia e escreve sobre poesia. Ele também reflete sobre o cenário da crítica de poesia, tecendo comentários sobre processo de teorização da literatura. Logo no início de "Uma tese sobre a crítica literária brasileira", do livro *A poesia contemporânea (ensaios)* (2014), Pucheu reflete sobre o trabalho da crítica, pensando que existe uma exigência para que as avaliações feitas pelos críticos sejam objetivas. Para ele, tal objetividade seria utópica, visto que a pessoa que faz as análises é perpassada por ideologias:

De modo geral, a prioridade do trabalho crítico se calca na construção de referências conceituais que permite uma análise supostamente objetiva do texto encarado como realidade autônoma a organizar, interna e formalmente, sua multiplicidade. Através de reprovações e elogios que acreditam escapar da pura autoridade subjetiva, a crítica visa emissões de juízos que ora denunciam a frouxidão de uma ou outra obra, exigindo que o livro se posicione à altura da literatura na qual se insere, ora louvam a grandeza dessa ou aquela conquista, buscando incitar ao desdobramento do futuro vigor de tal contribuição. Tal crença na objetividade gera uma nova ilusão: a da suposta isenção ou imparcialidade do crítico, como se, desde sempre, ele já não estivesse refletindo e avaliando a partir de certo campo de forças de onde eclode seu desejo, confundindo-se com ele (PUCHEU, 2014, p. 158-159).

Pucheu divide a crítica literária brasileira em três "fases" que não são, necessariamente, cronológicas, ou seja, ainda podem existir, nos dias de hoje, críticos atuando nas três tendências. A primeira, na qual ele usa Antônio Cândido como exemplo, se refere a críticos que consideram a atividade literária mais importante do que a prática crítica. Esse grupo entende a crítica como algo secundário, que acontece exclusivamente "em função" da literatura. O autor considera que eles são acometidos por uma "síndrome cinzenta":

"Auxiliar", "sem importância", "lateral", "dependente", os significantes atrelados à crítica são todos referentes à sua síndrome cinzenta, ao seu complexo de rebocado, à sua patologia de segunda divisão, que, ao dar à literatura (ou "aos gêneros criativos") seu lugar solar e seivoso, principal, retira-se para uma dimensão

inferiorizada, menos intensiva ou menos vital (PUCHEU, 2014, p. 161).

Nessa perspectiva, seria função da crítica literária apenas revelar algo que está "escondido" na obra literária, trazer à tona seus sentidos ocultos e, em certa medida, explicar a obra aos leitores. Assim, "na melhor das hipóteses, o crítico seria como um cão treinado, farejador do selvagem animal para um leitor domesticado" (PUCHEU, 2014, p. 166). Como resposta a esse tipo de interpretação do trabalho crítico, Pucheu problematiza que há sentidos dados em uma obra literária que dependem de novas relações, de novas criações a partir da obra primeira:

A mitificação do artista, para quem nada escaparia, é completa... Mesmo o mais longínquo de uma noite feliz, não há inúmeros pensamentos com os quais um criador jamais sonhou e para os quais é preciso um novo criador, que pode ser, inclusive, um crítico? (PUCHEU, 2014, p. 166).

A segunda vertente indicada por Pucheu seria uma corrente mais criativa, que aproximaria a atividade crítica da criação literária. Nessa vertente, encontramos críticos literários que estão dispostos a fazer da crítica um lugar de reflexão autoral e inventiva, espaço para que possam elaborar discursos que, socialmente, teriam um impacto similar ao discurso literário, "um tipo de crítica que se quer poética e criadora" (PUCHEU, 2014, p. 175). Como exemplos dessa corrente, o autor elenca o trabalho de Sérgio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre, que buscaram "realizar o consórcio entre teoria e arte não apenas no terreno predileto e sincrético do ensaio não especializado de assunto histórico social, mas também na crítica literária que escreveram" (PUCHEU, 2014, p. 175).

Por fim, o último grupo que Pucheu elenca, são os "poetas-críticos-teóricos", grupo que ele acredita estar bem representado por Mário de Andrade. Citando o poeta, ele reproduz:

Mário de Andrade sinaliza, com a clareza que lhe é habitual: "A crítica é uma obra de arte, gente. A crítica é uma invenção sobre um determinado fenômeno artístico, da mesma forma que a obra de arte é uma invenção sobre um

determinado fenômeno natural. Tudo está em revelar o elemento que serve de base à criação, numa nova síntese puramente irreal, que o liberte das contingências e o valorize numa identidade mais perfeita. 'Mais' perfeita não quer dizer perfeita, a única, a verdadeira, porém a mais intelectualmente fecunda, substancial e contemporânea. / E não estará nisso justamente a mais admirável finalidade da crítica?" (PUCHEU, 2014, p. 176).

Nessa última corrente, a quem Pucheu acredita pertencer também Augusto de Campos, estão incluídas outras formas de crítica que não somente os tradicionais ensaios e artigos. O autor menciona os "quase poema – poema expandido" e "ensaio teórico-crítico-experimental" de Roberto Corrêa dos Santos como exemplo de formas inovadoras nas quais a crítica se apresenta, bem como o trabalho de Nuno Ramos e Antônio Carlos Secchin. Aqui se encaixaria um fazer crítico que vai além de um texto crítico criativo, mas muitas vezes se dá a partir do próprio fazer literário que, ao estabelecer conexões intertextuais com outras obras, age também como possibilidade de interpretação crítica delas.

Para Pucheu, então, é necessário que se explore mais a dissolução das fronteiras entre crítica e literatura, especialmente no grupo "privilegiadamente formado por críticos-críticos".

Há um crítico exclusivamente crítico a demandar da própria crítica uma escrita literária que requisitasse o poético para a crítica dos que são exclusivamente críticos literários, possibilitando a unificação das três críticas pela assunção explícita de seu papel não menos criador do que o da literatura de modo geral? Penso que a presença de um crítico como esse seria capaz de desrecalcar o fazer crítico dos exclusivamente críticos, levando a crítica literária a ser consciente e afirmativamente literária e superando, com isso, sua colocação enquanto disciplina objetivista que, privilegiando um princípio de aplicabilidade, supõe o poético como autônomo e exclusivo (PUCHEU, 2014, p. 178-179).

Nesse lugar, que o autor parece apontar como ideal, poética e crítica se misturam,

descobrimo-nos congêneres, conaturais, ao invés de falar sobre a outra, abolindo a cansada dicotomia entre sujeito e objeto e, com isso, superando definitivamente o que ainda havia de resquício do científico na crítica, uma escrita nasce com a outra (PUCHEU, 2014, p. 179).

Nesse mesmo sentido, o autor pontua também que a necessidade de colocar a crítica literária em segundo plano em relação à literatura revela uma tentativa de preservar "o caráter científico da crítica" (PUCHEU, 2014, p. 164). Valentine Cunningham, no ensaio "Theory, what theory?" (2005) que compõe a antologia *Theory's Empire*, reflete sobre a impossibilidade de um fazer científico dentro dos estudos literários:

poemas, novelas, gêneros da literatura, não são como uma enzima, ou vamos dizer, uma partícula subatômica ou um elemento químico [...] então talvez nós estejamos simplesmente errados em esperar que teorias da literatura funcionem como os instrumentos científicos, modelos, teoremas, símbolos matemáticos e equações. O que não impede que muitos Teóricos queiram esse cientificismo (CUNNINGHAM, 2005, p. 25, tradução nossa).<sup>2</sup>

Dessa forma, conseguimos estabelecer um paralelo entre os pensamentos dos autores, já que ambos indicam que a tentativa de tornar científico o fazer crítico-teórico sinaliza uma busca por legitimação da área dos estudos literários. Pucheu não aprofunda a questão, mas parece relacionar a busca pelo cientificismo como justificativa para a crítica existir e como sintoma da crítica que se coloca em lugar secundário. Cunningham, no entanto, entende o desejo pelo cientificismo como uma das razões que torna a Teoria predominante. É nesse ponto que se dá a desaprovação do autor britânico: a tentativa exacerbada de tentar tornar científico algo tão inexato quanto a literatura, por meio da teorização excessiva, tende a esvaziar a crítica literária em si, que agora se torna apenas um conjunto de termos e lugares-comuns que estão na moda.

É interessante notar, assim, que embora os dois autores percebam o mesmo problema no trabalho crítico/teórico contemporâneo (a tentativa de elevar à categoria de ciência aquilo que não caberia nessa classificação), eles apontam causas opostas para a questão. Para Pucheu, é o engrandecimento do texto literário que faz com que a crítica se retire para o cientificismo,

coloque-se como sua antagônica direta – ao recusar o potencial criativo do exercício crítico, os pesquisadores tendem a buscar a ciência e a objetividade. Já para Cunningham (2005), o predomínio da Teoria e, por conseguinte, do cientificismo mostram justamente o quanto a literatura perde seu valor na contemporaneidade, já que deixa de ser central dentro dos estudos literários, que agora se ocupam muito mais da teorização do que da análise crítica.

Cunningham (2005) destaca, ainda, outra causa/consequência dialética deste momento que vivemos: tudo hoje é considerado texto, portanto, a literatura é apenas mais um objeto cultural dentre vários. Essa discussão remete a um debate bastante complexo sobre a posição da literatura em relação aos estudos culturais. É importante destacar, nesse sentido, que o movimento que Pucheu faz ou, ainda, o tipo de cenário para a relação literatura e crítica que ele considera adequado, seria aquele no qual a crítica seja tão importante e significativa quanto a literatura. Essa conjuntura apresenta duas perspectivas: se por um lado há o reconhecimento da crítica literária como um exercício autônomo, com potencial criativo e inovador, que libera pesquisadores e estudiosos para criarem, por outro, ao nivelar produção literária e produção teórica/crítica, recai no modelo que propõe a literatura como apenas outra produção textual e, assim, tende a reduzir seu poder, autonomia e legitimidade.

## 2 O crítico pensando a poesia

Na reflexão de "Uma tese sobre a crítica literária brasileira", conforme vimos na seção anterior, Pucheu (2014) se refere muito mais a como os críticos veem a si mesmos do que a como eles efetivamente realizam a crítica literária. Embora ele traga os discursos de alguns críticos e reflita sobre a situação atual da crítica de literatura, classificando-a em três etapas, ele não apresenta uma análise aprofundada sobre como isso se dá na prática, pelo menos não de forma direta

<sup>2</sup> Do original: But then poems, novels, genres of literature, are not like an enzyme, say, or an atomic sub-particle, or a chemical element [...] so perhaps we would be simply wrong to expect theories of the literary to function as do scientific cognitive instruments, models, theorems, mathematical symbols, and equations. Which doesn't stop many Theorists wanting this scienticism.

nas duas primeiras tendências. Sendo assim, a partir de agora, daremos ênfase no trabalho de Pucheu como crítico, a partir da análise do texto "Do tempo de Drummond ao (nosso) de Leonardo Gandolfi: da poesia, da pós-poesia e do pós-espanto" também do livro *A poesia contemporânea* (2014).

No ensaio referido, Pucheu (2014) objetiva fazer uma análise da poesia de Gandolfi, com foco especialmente no livro *A morte de Tony Bennett* (2010). Para isso, ele faz um caminho a partir da lírica de Carlos Drummond de Andrade, visto que o título do poema "O espião janta conosco", primeiro poema do livro de Gandolfi é um dos versos do poema "Nosso tempo" de Drummond (2007). O texto de Pucheu desde o início já assume um tom poético através do uso de repetições e de uma apresentação inusitada do poeta carioca:

Escrevo sobre ele, que não se chama Mário nem Oswald nem Manuel nem Carlos nem Jorge nem Murilo nem Cecília nem João nem Haroldo nem Augusto nem Décio nem Ferreira nem Ana nem Manoel nem Roberto nem Vicente nem... Escrevo sobre ele, que se chama Leonardo (PUCHEU, 2014, p. 87).

Apesar desse foco grande que o autor dá ao fato de que falará sobre Leonardo, enfatizado ainda pela falta de fortuna crítica sobre o poeta, "Não há resenhas nem ensaios nem dissertações nem teses sobre o livro mencionado, foco do interesse deste texto" (PUCHEU, 2014, p. 88), Pucheu escolhe como ponto de partida a referência de Gandolfi a Drummond e, assim, dedica as próximas 15 páginas de seu ensaio à poesia do poeta mineiro. Ao final de sua reflexão sobre Drummond, afirma:

Aproveito para ratificar que este caminho tomado pela poesia drummondiana foi direcionado pelo poema de Leonardo Gandolfi, "O espião janta conosco", cujo título, como visto, é uma apropriação literal de uma frase pertencente a um verso de "Nosso tempo", de Carlos Drummond de Andrade. Com a apropriação, o "Nosso tempo" passa a fazer parte da ideia do poema "O espião janta conosco", que, de algum modo, trazendo-o para si, o circunscreve, sendo interessante da crítica adentrar tal campo potencial drummondiano do poema e da poesia de Leonardo Gandolfi para poder, entendendo-a, melhor se relacionar com ele e com ela (PUCHEU, 2014, p. 103).

De toda forma, é interessante que o caminho escolhido pelo crítico comece pela poesia, a partir das questões propostas por ela, sem antes fazer um resgate teórico ou apresentar conceitos. De fato, quando ele aponta a falta de fortuna crítica acerca de Gandolfi, faz a seguinte afirmação:

Mas talvez o que disse ser um primeiro problema seja, de fato, um falso problema: fora as entrevistas de alguns deles, escrevi sobre Manoel de Barros sem ter lido praticamente nada sobre ele; escrevi sobre Caio Meira sem ter lido praticamente nada sobre ele; escrevi sobre Antonio Cicero sem ter lido praticamente nada sobre ele [...] Já estou habituado com isso (PUCHEU, 2014, p. 88).

Nessa passagem, visualizamos o lugar no qual o crítico se insere: conforme já explicitado na sua tese sobre a crítica, Pucheu acredita que a crítica necessita se distanciar da escrita científica. Um dos princípios do fazer científico é levar em consideração aquilo que já foi estudado anteriormente e estabelecer relações e diálogos com demais pesquisadores. Ao mencionar o quanto já escreveu sobre poetas com pouca ou nenhuma fortuna crítica antes, Pucheu, ao mesmo tempo que evidencia a urgência de se estudar autores novos, também marca o seu distanciamento de uma escrita que seja próxima ao fazer científico.

Percebemos na análise do poema drummondiano "Nosso tempo" (2007) que o posicionamento de Pucheu, muito mais do que o de alguém que tem a intenção de desvendar o poema para o leitor ou oferecer uma interpretação pronta a ele, coloca perguntas e questões ao poema, estabelecendo um diálogo com o texto poético como vemos abaixo:

A frase [o espião janta conosco] é uma ilha isolada a desafiar o leitor a encontrar os caminhos de ligação entre ela e as outras da estrofe e do poema, inventando, se possível, um arquipélago qualquer de sentido ou, ao fim, atestando, quem sabe, a ausência de tal conexão. Que espião é esse? Por que ele vem jantar conosco? O que ocorre nesse jantar? Para que ele é necessário? O que ele tem a ver com o tempo que o poema quer penar? O que ele está espionando? Ele está ali para ajudar o poeta a decifrar o caso de seu tempo? Será o espião o leitor, observador atento e presente da tentativa de o poeta deglutir seu tempo, digerindo-o? (PUCHEU, 2014, p. 90).

Uma das críticas que é posta pelos teóricos da antologia da dissidência diz respeito ao afastamento da linguagem, materialidade literária, em detrimento de uma discussão que, além de teórica, parece focar em excesso em questões sociais e políticas. Cunningham (2005) explica que isso surge com a apropriação que a Teoria fez da teoria saussuriana. Como explica o autor, para Saussure, a linguagem devia ser pensada como um sistema de signos ao invés de palavras e esses sistemas seriam organizados em conjuntos de binários, o significante e o significado, cuja relação seria arbitrária.

A crítica do autor se dá ao fato de que a Teoria, ao longo do tempo, começa a priorizar a diferença em toda materialidade linguística e textual ao invés de pensar em sistemas referenciais. Isso teria como consequência, especialmente, o fato de tudo passar a ser entendido como contendo estruturas de linguagem, como o exemplo que ele traz, do inconsciente de Lacan. Assim, chegamos a uma fase de "textualização do mundo", o que abre margem para, como já vimos antes, a literatura se esvaír entre as outras produções, ser apenas "mais um texto", já que agora todas as produções são "textos", "histórias", "narrativas", "discursos". Outro aspecto ainda acarretado pela apropriação da teoria saussuriana criticada por Cunningham (2005), é a passagem que se deu de "o signo é arbitrário" para "o significante é arbitrário", deslocando o foco para o significado e, assim, destituindo a linguagem de seu poder, de forma que os pensadores não se preocupem mais com as formas e estruturas, apenas com o conteúdo, ou seja, os significados. No texto aqui analisado, percebemos que Pucheu (2014), apesar de direcionar a discussão para uma reflexão sobre o tempo e sobre a contemporaneidade, não deixa de ter um olhar atento para os significantes materializados na linguagem poética do poema, destacando seus traços mais formais:

Em oito partes, com *enjambements* fortes a intensificarem os sentidos de versos, variações rítmicas que levam os versos a oscilarem do curto (de até duas sílabas) ao longo – com diversas gradações – fazendo-os, às vezes, beirarem a prosa, saltos abruptos, descontinuidade da rigidez lógica, simultaneísmos, varia-

ções polissêmicas de um mesmo significante, imagens imprevisíveis e cifradas sem que a chave seja oferecida, repetições estruturais a manterem séries dialogantes em partes distintas do poema [...] e inúmeros outros recursos poéticos, "Nosso tempo" é certamente um dos grandes poemas reflexivos do que há de mais denso na poesia de pensamento de Drummond (PUCHEU, 2014, p. 92, grifo do autor).

Em relação à poesia de Gandolfi, especificamente, chama atenção o fato de Pucheu (2014) a classificar como "pós-poesia". Essa compreensão surge, principalmente, a partir da análise dos poemas "O desaparecimento de Agatha Christie" e "Playtime" (2010). Para o crítico, a relação que eles estabelecem com o verso "E já não sei do espanto" do poema "Nudez" (2007) de Drummond, apontam para uma elucubração acerca da própria poesia:

Leonardo Gandolfi dá voz a uma formulação que, do ponto de vista privilegiado da história, seria terrível: a de que o nosso tempo é, entre outras coisas, o da *nadificação do espanto* ou de seu fim, ou, pelo menos, de que o nosso tempo tem de lidar com ela, que também o caracteriza. Com a perda de uma compreensão de poesia que já foi e não tem como exclusivamente voltar, tudo acaba por parecer sem razão, inclusive o fazer poético e os modos de se fazer poemas, requisitando-se então novas maneiras a serem instauradas. Alguma coisa foi perdida, mas algo surge (PUCHEU, 2014, p. 114, grifo nosso).

Essa falta de espanto é entendida por Pucheu (2014, p. 115) como manifesta a partir de uma força (des)criativa – conceito pouco explicado por ele – que é visível através da "apropriação, o saque, a pirataria, o plágio, a cópia, a clonagem, a transcrição, a repetição inadvertida, remixagem, o posicionar-se como um DJ da poesia". Ele, então, afirma:

Nenhuma contraposição é então possível entre cópia e invenção, entre repetição e surpresa. Na repetição, na transcrição, na cópia, enquanto um gesto pós-espanto, a poesia, sem depender de um sopro natural ou metafísico qualquer, assume uma posição pós-teológica (pós-musaica ou pós-entusiástica), pós-autenticidade-original (PUCHEU, 2014, p. 115).

Surpreende a referência às relações textuais que Gandolfi (2010) faz com outros materiais como característica da pós-poesia, visto que

essas relações estão presentes em toda tradição literária e parecem, afinal, dizerem respeito a uma característica já bastante debatida dentro dos estudos literários, a intertextualidade. Essa tendência de nomear a poesia como pós-poesia não surge em Alberto Pucheu. Marcos Siscar retoma as origens do termo e reflete que:

Trata-se, no caso da "poesia objetiva possível", de retomar uma tradição poética que se estabelece a partir de uma crítica à 'auréola' do poeta (projeto já presente em Baudelaire, como devemos lembrar), dando a essa tradição contornos atualizados e atribuindo-lhe o nome de 'prosa'. Para Gleize, assim como para alguns outros, a direção a ser trilhada é a da 'postpoésie' ('pós-poesia'), aquilo que sobrevém à poesia na direção da prosa, da 'prosa em prosa' (SISCAR, 2016, p. 168).

Percebemos, então, que a proposta de pós-poesia que, para Siscar (2016), tem suas origens já na reflexão sobre a aproximação da poesia da prosa posta por Jean-Maire Gleize, é uma tentativa de afastamento de um ideal de "alta poesia" que se apresenta como erudita e, frequentemente, inacessível aos leitores. A pós-poesia, nesse sentido, ao assumir outro nome, desvincularia-se desse ideal e passaria a reivindicar novos contornos. Siscar afirma:

Evidentemente, a renomeação não deixa de encontrar ecos nas opções formais desses autores: a predominância de textos escritos sem o recurso do verso, o uso do fragmento, a colagem, o "flash" de realidade, a "lista", a estética do "rascunho", etc. Mas é importante observar que, a esses procedimentos (aliás característicos da tradição "poética" mais reconhecida), se soma um esforço de recategorização das obras e de sua redistribuição no espaço institucional (SISCAR, 2016, p. 170).

Siscar (2016) não parece, entretanto, concordar com a utilização do termo. Para ele, a emergência de novos termos para nomear a poesia, é indicativo de uma outra crise dentro do cenário da poesia,<sup>3</sup> a qual devemos, evidentemente, estar atentos. A crítica ao prefixo (pós-) é posta também no *Theory's Empire*, por Graham Good (2005) em

"Presentism: posmodernism, poststructuralism, postcolonialism". Para o autor, vivemos hoje tempos de "presentismo" em que a crítica, ao focar excessivamente no presente sem conseguir dimensionar o passado e/ou o futuro, acaba se utilizando de um "pós" esvaziado, uma vez que, segundo o autor "sem uma narrativa conectando o presente ao futuro e ao passado, não pode existir desenvolvimento, apenas repetição" (GOOD, 2005, p. 289, tradução nossa).<sup>4</sup> Sem olhar para a história, o presente se torna sempre apenas aquilo que vem depois, o "*just after*". O autor está se referindo, principalmente, aos movimentos teóricos citados no título de seu texto, mas a crítica é ainda pertinente à reflexão presente aqui. Se entendermos a pós-poesia de acordo com Siscar (2016), essa busca por uma desvinculação de uma tradição poética hegemonicamente elitista, então a utilização do termo "pós-", não deixa de ser, nos termos de Good (2005), uma tendência que foca no presente, no entanto, baseada em uma crítica efetiva ao passado.

### Considerações finais

A partir das reflexões feitas acima, acerca dos textos "Uma tese sobre a crítica literária brasileira" e "Do tempo de Drummond ao (nosso) de Leonardo Gandolfi: da poesia, da pós-poesia e do pós-espanto", ambos do livro *A poesia contemporânea* (2014) de Alberto Pucheu, intencionamos discutir como algumas das questões relativas à área dos estudos literários estão postas na crítica brasileira. Essas questões foram colocadas, principalmente, a partir da "antologia da dissidência", *Theory's Empire* (2005), organizada por Daphne Patai e Will Corral. É importante ressaltar que no texto "Uma tese sobre a crítica literária brasileira", Pucheu não está discutindo especificamente sobre poesia e sim sobre crítica literária de forma geral. Sendo a maior parte de sua reflexão crítica, no entanto, sobre poesia, notamos mesmo quando ele não se dedica exclusivamente à poesia, um olhar atento

<sup>3</sup> Marcos Siscar desenvolve a reflexão acerca da crise da poesia no livro *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade* publicado em 2010. Para ele, a crise da poesia diz mais respeito a uma crise da crítica do que uma crise da produção poética em si mesma.

<sup>4</sup> Do original: without a narrative linking the present to the future and the past can be no development, only repetition.

do autor para as especificidades do texto poético.

O primeiro ponto que buscamos debater e que parece ser a motivação inicial do *Theory's Empire* é a predominância da utilização de teoria, ou melhor, de determinado arcabouço teórico, nos estudos literários que, muitas vezes, acaba colocando o texto literário em segundo plano, como mero objeto de comprovação de uma teoria. Em Pucheu, há a construção de um pensamento teórico e, em textos anteriores, percebemos que o autor constrói sua reflexão em torno dos teóricos da "Teoria", como Giorgio Agamben e Jacques Derrida. Nos textos aqui analisados, no entanto, encontramos um crítico bastante autoral cujas reflexões são motivadas pela observação de um cenário maior, no caso do "Uma tese sobre a crítica literária brasileira" e pelos próprios textos poéticos em "Do tempo de Drummond ao (nosso) de Leonardo Gandolfi: da poesia, da pós-poesia e do pós-espanto". No segundo, quando o autor efetivamente realizar o trabalho crítico, notamos ainda a presença de uma linguagem poética e criativa, que parece ir ao encontro daquilo que Pucheu considera importante na crítica, mencionado no primeiro texto: que essa seja autoral, criativa, inventiva e se aproxime a ponto de se confundir com a linguagem literária.

Ainda sobre isso, ao discutir as divisões da crítica literária, Pucheu coloca a importância de o texto crítico ser produzido e entendido também como um artefato criativo e cultural. Nesse sentido, ele parece reforçar a tendência apontada pelos dissidentes do estudo da literatura como apenas mais um objeto cultural. Se crítica literária e literatura têm, no fim das contas, linguagens e impactos similares, então teoria e literatura seriam capazes de se intercambiar, de se tornarem a mesma coisa. Nesse aspecto, percebemos uma aproximação com aquilo que os teóricos de *Theory's Empire* criticam: se por um lado, Pucheu se afasta de uma escrita científica ao utilizar recursos poéticos em seu texto crítico, recusando certa forma de fazer teoria, por outro, ele enfatiza a importância do fazer teórico ao colocá-lo no mesmo patamar da literatura.

Apesar disso, nas leituras poéticas que Pucheu faz, fica evidente um cuidado com a linguagem literária, visto que o autor faz análises detalhadas que, mais do que procurar questões sociais que emanem da poesia – o que ele também realiza –, busca entender como os significados estão dados na e pela linguagem do poema. As leituras e as análises que ele propõe culminam não em uma temática específica dentro dos poemas escolhidos, mas sim em uma reflexão sobre a própria poesia de Gandolfi, a qual ele nomeia "pós-poesia". A utilização do prefixo "pós-" também é uma tendência contemporânea bastante criticada em *Theory's Empire* e, em Pucheu, parece ser usada meramente como questão teórica, sem, contudo, acrescentar muita novidade acerca do entendimento de poesia. A principal característica da "pós-poesia", conforme discutida pelo autor, são as colagens, os remixes, "o poeta DJ". Essa característica, no entanto, está posta em toda a história da literatura, com o nome de intertextualidade, que aqui parece apenas ganhar uma face mais "contemporânea" ao ser chamada de pós-poesia.

Embora o recorte escolhido tenha sido, por questões metodológicas, limitado, acreditamos que é suficiente para observarmos como a crítica de poesia vem elaborando o trabalho com a linguagem, a relação da literatura com o fazer científico e o entendimento da própria crítica. Assim, acreditamos que a escolha por Alberto Pucheu, crítico e poeta reconhecido pelos seus pares, ainda que não nos permita chegar a conclusões definitivas, possibilita apontar que as tendências discutidas em *Theory's Empire*, mesmo que não sejam feitas a partir da realidade dos estudos literários brasileiros, em muito se repetem aqui. Um modo de fazer teórico que aponta para o escanteio da literatura é presente, mesmo em um autor que a valoriza a ponto de querer a sua linguagem no próprio fazer crítico, sem visualizar, entretanto, que esse próprio movimento a deslegitima.

Por fim, a crítica do próprio Pucheu, ao olhar para os críticos de literatura, aponta para uma necessidade de renovação dentro do campo dos

estudos literários e esse é um ponto que *Theory's Empire* e os textos do crítico brasileiro têm em comum: eles indicam a urgência de uma revisão metodológica sobre como estudamos, como ensinamos e, principalmente, como produzimos conhecimento acerca da literatura.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2007.

BELLEI, Sérgio. Valor literário depois da Teoria: Derrida, Agamben e os Escritos do Não. *Outra travessia*, Florianópolis, n. 24, p. 53-70, 2. sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2017n24p53>. Acesso em: 1 set. 2021.

DADOS Bibliográficos. In: Alberto Pucheu. [S. l.], 2021. Disponível em: <http://www.albertopucheu.com.br/biblio.html>. Acesso em: 29 set. 2021.

CUNNINGHAM, Valentine. Theory, What Theory? In: PATAI, Daphne; CORRAL, Will (ed.). *Theory's Empire: An Anthology of Dissent*. New York: Columbia University Press, 2005. p. 24-41.

GANDOLFI, Leonardo. *A morte de Tony Bennett*. Cidade: Lume, 2010.

PATAI, Daphne; CORRAL, Will (org.). *Theory's Empire: An Anthology of Dissent*. New York: Columbia University Press, 2005.

PERLOFF, Marjorie. Crisis in the Humanities? Reconfiguring Literary Study for the Twenty-first Century. In: PERLOFF, Marjorie. *Differentials: poetry, poetics, pedagogy*. Tuscaloosa: The University of Alabama Press, 2004. p. 1-19.

PUCHEU, Alberto. *para que poetas em tempos de terrorismos?* Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial, 2017.

PUCHEU, Alberto. *Que porra é essa: poesia?* Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2018.

PUCHEU, Alberto. *A poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2014.

SISCAR, Marcos. Figuras da prosa: a ideia da "prosa" como questão de poesia. In: SISCAR, Marcos. *De volta ao fim: o "fim das vanguardas" como questão da poesia contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

SICAR, Marcos. *Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

---

## Mariane Pereira Rocha

Mestra em Letras, na área de Literatura Comparada pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil; doutoranda em Letras, com ênfase em Literatura, Cultura e Tradução pela mesma instituição. Professora de Literatura e Língua Portuguesa no Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), Pedras Brancas, RS, Brasil.

---

## Aulus Mandagará Martins

Doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Letras, pela mesma instituição. Professor titular do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em Pelotas, RS, Brasil.

---

## Endereço para correspondência

*Mariane Pereira Rocha*

Instituto Federal Sul-rio-grandense  
Av. Leonel de Moura Brizola, 2501  
Pedras Brancas, 96418-400  
Bagé, RS, Brasil

*Aulus Mandagará Martins*

Universidade Federal de Pelotas  
Rua Gomes Carneiro, 01  
Centro, 96010-610  
Pelotas, RS, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação do(s) autor(es) antes da publicação.*